

## Novos agentes e novas configurações no carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro

*New agents and new settings in the street carnival of Rio de Janeiro*

**Marina Bay Frydberg**

---



**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da  
Universidade de São Paulo

**Edição electrónica**

URL: <http://pontourbe.revues.org/3479>

DOI: 10.4000/pontourbe.3479

ISSN: 1981-3341

**Refêrencia eletrónica**

Marina Bay Frydberg, « Novos agentes e novas configurações no carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro », *Ponto Urbe* [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 Junho 2017, consultado o 04 Julho 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3479> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3479

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Julho 2017.

---

# Novos agentes e novas configurações no carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro

*New agents and new settings in the street carnival of Rio de Janeiro*

**Marina Bay Frydberg**

---

- 1 O século XXI trouxe consigo a expansão do carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro. Em proporções cada vez mais expressivas, tanto no número de blocos quanto de foliões, o carnaval de rua expandiu o calendário anual da festa na cidade e impulsionou uma nova organização da celebração carnavalesca, tanto por parte do poder público quanto dos blocos. Inserida nesta recente valorização de brincar o carnaval, os blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro se veem em meio a uma discussão sobre o aumento da rentabilidade econômica através da mercantilização da/na festa, associada à sua profissionalização, e a valorização de práticas tradicionais de se brincar o carnaval através da discussão da sua patrimonialização. Tendo como base a pesquisa etnográfica, buscou-se compreender neste artigo o processo pelo qual vêm passando os blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro, problematizando os múltiplos significados para a noção de tradição carnavalesca e como os diferentes agentes envolvidos na festa estão compreendendo e organizando o carnaval. Este artigo<sup>1</sup> propõe, assim, pensar a configuração atual do carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro a partir dos três principais agentes organizadores da festa: os blocos, as ligas e associações e o poder público, buscando mostrar os diferentes significados que a festa possui para cada agente.
- 2 Começaremos com o significado do carnaval para os principais mobilizadores da festa: os blocos. No ano de 2016, 505 blocos foram autorizados a desfilar no carnaval do Rio de Janeiro, totalizando 587 desfiles. Número expressivo e que representa uma multiplicidade de formatos e enfoques, impossíveis de serem pensados como um grupo homogêneo. Assim, não temos a pretensão de dar conta do todo, mas de apresentar algumas visões dos

blocos sobre o carnaval. Entendendo que existem quatro momentos históricos de criação dos blocos de carnaval (Frydberg, Eiras 2015), pensaremos o significado do carnaval de rua para três representantes de três momentos históricos distintos.

- 3 As ligas e associações fazem parte do segundo grupo a ser apresentado e se caracterizam como formas de organização coletiva dos blocos. Cada liga congrega um número específico de blocos que auxilia na organização da festa, além de servir como mediadora entre os blocos e o poder público ou patrocinadores. Identificamos sete organizações de blocos em intensa atividade no carnaval de rua do Rio de Janeiro: Sebastiana, Associação Folia Carioca, Liga Carnavalesca Amigos do Zé Pereira, Liga dos Blocos e Bandas da Zona Portuária, Liga Rio Afro, Coreto e Desliga dos Blocos Carnavalescos. Cada liga congrega de dez a quinze blocos. Pensamos a reconfiguração do carnaval atual a partir de três delas: a mais antiga das ligas, chamada Sebastiana; a Liga do Zé Pereira, de modelo parecido com a Sebastiana; e a associação com posicionamento mais radical, a Desliga dos Blocos.
- 4 Por fim, chegaremos ao significado e as potencialidades da festa carnavalesca a partir da visão do poder público sobre os blocos. Nosso principal objetivo aqui é entender o papel da prefeitura, na figura institucional da Riotur, para a organização, gestão e valorização da tradição dos blocos de rua e de seu carnaval.

## Os Blocos

- 5 Podemos pensar em quatro momentos distintos na história dos blocos de carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro (Frydberg, Eiras 2015). Um primeiro momento, que vai do final do século XIX ao início do século XX e que representou o surgimento dos primeiros blocos, cordões e ranchos que se espalharam na cidade principalmente na região central. Um segundo momento entre as décadas de 1950 e 1960, em que os festejos foram diminuindo a partir do golpe de 1964. Foram criados, neste período, um grande número de blocos, atualmente considerados tradicionais, como o bloco Bafo de Onça, fundado em 1956, e seu maior rival, o bloco Cacique de Ramos, em 1961. Neste mesmo período temos a criação da Banda de Ipanema em 1965 por intelectuais que viram no carnaval um espaço ainda possível de falar de política.
- 6 Um terceiro momento da história dos blocos de carnaval de rua se iniciou no final da década de 1970 e permaneceu em crescimento na década de 1980, período da abertura política da ditadura militar e posterior redemocratização do Estado brasileiro. Podemos pensar neste período como uma primeira retomada do carnaval de rua, que vai perdendo a sua força na década de 1990 com o aumento dos casos de violência nos blocos. E por fim, um quarto momento, chamada por Herschmann (2013) do *boom* do carnaval de rua, que se iniciou na primeira década do século XXI. A partir do ano 2000 temos o surgimento de 467 novos blocos de carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro.
- 7 O Cordão da Bola Preta, fundado em 1918, é um dos poucos representantes iniciais, o mais antigo ainda em funcionamento e o maior bloco em termos de público. A maioria dos blocos do primeiro momento desfilavam na região central da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente alguns blocos deste momento foram refundados - como o Fala meu louro -, criado em 1938 e recriado em 2013, que desfila na região portuária, território tradicional do samba no Rio de Janeiro.
- 8 O Cordão da Bola Preta nasceu como uma sociedade carnavalesca a partir da dissidência de 18 participantes do Clube dos Democráticos<sup>2</sup>. O Bola Preta possui desde a sua fundação

a figura do sócio que contribui mensalmente com o Cordão. O carnaval do Bola acontece de duas maneiras: bailes nos dias do carnaval e desfiles na rua. Embora não haja certeza, o discurso da diretoria é de que desde a fundação do Bola, em 1918, sempre houve desfile de rua. Atualmente o Cordão da Bola Preta possui uma sede na Lapa, região central do Rio de Janeiro, mantida através de comodato com o Governo do Estado. O bloco faz atualmente a abertura oficial do carnaval carioca no sábado pela manhã e atrai mais de um milhão pessoas pelo centro da cidade. É o maior bloco em termos de público e conta com três trios elétricos. Pedro Ernesto, presidente atual do Cordão da Bola Preta, justifica o potencial agregador do Bola por conta das sua história e tradição.

Eu acho que isso foi uma coisa proporcional à idade do Bola Preta e sua importância. Como Bola Preta vamos dizer assim continuou firme e forte mesmo depois de tudo que aconteceu com o carnaval. Então automaticamente esse mesmo Carnaval, que passou aí por um momento de retração que voltou com força total, o mais antigo, mais tradicional, a tendência era ter mais gente que os demais! Então realmente foi assim! Para nós foi espetacular! Porque eu acho que é muito gostoso você chegar num lugar e falar assim: O Bola Preta é o maioral dos maiorais! Nós já chegamos no carnaval do ano atrasado a carregar dois milhões e meio de foliões! Porque essa questão de previsão de público é uma coisa muito furada!

Pedro Ernesto, Presidente do Cordão da Bola Preta, entrevista para pesquisa<sup>3</sup>

- 9 O Cordão da Bola Preta é um dos blocos que conta com patrocínio público, auxílio financeiro por parte da prefeitura, e também privado, variando entre a maior rede de televisão e a maior empresa de produção de bebida alcoólica, que possibilitam o bloco de sair para a rua. A patrocinadora televisiva não permite outro patrocínio que apareça na sua transmissão, impossibilitando a concomitância dos patrocinadores. Todavia, para o presidente do Bola Preta o patrocinador não pode interferir na realização da festa e tem que respeitar as tradições carnavalescas.

Você não pode permitir por exemplo que o estandarte do Bola Preta, não vou falar do estandarte de outras instituições, isso aqui é uma coisa sagrada! Nós não podemos permitir por exemplo que alguém chega aqui e atravesse uma garrafa de cerveja. Entendeu? Mas você poderia falar se o cara que ofereceu um milhão de reais ou dois milhões de reais, a gente teria que estudar, mas eu acho que não seria correto. Eu acho que isso seria desmoralização da instituição. Porque esse estandarte existe desde 1918, desde a fundação do Bola Preta, sempre foi isso aí reconhecido pelo povo no Brasil e no mundo, então não tem como deturpar essa marca! O Rio de Janeiro, por exemplo, tem uma coisa de não querer copiar Salvador, o carnaval do Rio tem que ser um carnaval diferente. O carnaval do Rio é um carnaval diferente pra quem, por exemplo, já foi em Salvador, fala que o carnaval do Rio é diferente, é um carnaval mais participativo. O carnaval de Salvador tem aquela questão dos corredores, né. Porque quem não comprou aquele abadá milionário não entra ali dentro, vai na tal da pipoca que não é mesma coisa.

Pedro Ernesto, Presidente do Cordão da Bola Preta, entrevista para pesquisa<sup>4</sup>

- 10 É aqui que se estabelecem os limites entre o que é permitido no carnaval de rua do Rio de Janeiro e o que é considerado uma descaracterização da festa. Essas fronteiras entre o carnaval considerado tradicional e o descaracterizado variam de bloco para bloco, cada um determinando os limites do que se classifica como autêntico. E construindo, cada um a seu modo, a invenção das suas tradições, que representam uma continuidade artificial com um passado histórico (Hobsbawm e Ranger, 1984).
- 11 Podemos pensar em dois momentos de expansão do carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro. Um primeiro na década de 1980, terceiro momento da criação dos blocos, um segundo nos anos 2000, quarto momento da criação dos blocos. Estas duas

expansões da festa carnavalesca tiveram significados diferentes, nos anos 80 representaram um deslocamento espacial da festa do centro para a zona sul da cidade do Rio de Janeiro. O crescimento nos anos 2000 representou um vertiginoso aumento no número de blocos e de público no carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro. Mas ambos se aproximam nas características dos seus organizadores e público: jovens de classe média.

- 12 Os blocos do terceiro momento são organizados por jovens de classe média e intelectualizados e músicos consagrados do cenário nacional, que começaram a ver no novo panorama político a possibilidade de saírem novamente às ruas e de se expressarem. Esta primeira retomada do carnaval dos blocos de rua do Rio de Janeiro começou com o bloco Clube do Samba, em 1979, e blocos que foram se desdobrando como o Bloco dos Barbas, fundado em 1981, o bloco Simpatia é quase amor, de 1985, o Bloco de Segunda e o Suvaco do Cristo, ambos fundados em 1986. Estes blocos foram criados na zona sul carioca e deslocaram a centralidade dos festejos para esta região da cidade. São blocos que continuam, ainda nos dias de hoje, mobilizando um número cada vez maior de pessoas : o bloco Simpatia é quase amor reuniu cerca de 250 mil pessoas em dois dias de desfile.

Aí em 85, não exatamente em 85, no final da década de 80 eu vou parar no Simpatia é quase amor, que foi o primeiro bloco de rua do Rio que eu de fato fui e que eu assim me encantei, fiquei enlouquecida, falei: “Meu Deus o que que isso?”. Tive total identificação com a música, com a sonoridade, com as pessoas, com os objetivos, com a anarquia, com o que acontecia ali. Os amigos do Rio, que já eram amigos da zona sul, por que o carnaval era um carnaval da zona sul, hoje não mais, ele se espalha pela cidade, mas a gênese desse carnaval de blocos de rua na sua segunda fase, quer dizer, nessa fase pós ditadura, ele é um carnaval de zona sul, de uma certa intelectualidade que se junta pra voltar pra rua, o povo da militância política, o povo da esquerda que volta pra rua, que é o Simpatia e o Barbas. Então eu tô contando o que eu sei hoje porque naquela época eu não sabia de nada disso, eu ia no carnaval pelo carnaval. Aí, naturalmente, quem é do Simpatia, por frequentar, acabava indo no Suvaco, acabava indo ao Bloco de Segunda, que já existia, e ao Carmelitas, os primeiros blocos que vêm. Porque era a mesma tribo, eram as mesmas pessoas, era o pessoal que frequentava o posto nove na praia de Ipanema, e ali estavam os artistas, jornalistas, escritores, os músicos.

Rita Fernandes, Presidente do Imprensa que eu gamo e da Sebastiana, entrevista para pesquisa<sup>5</sup>

- 13 Este carnaval que surge como uma brincadeira entre amigos passa com os anos a mobilizar cada vez um público maior, fazendo com que fosse necessário buscar apoio do poder público para que a festa continuasse acontecendo, em termos de estrutura da cidade e de patrocinadores que possibilitassem a saída do bloco, com relação a estrutura do bloco. Rita Fernandes nos conta um pouco do contexto social, associado a um aumento da violência, que gerou a aproximação desses blocos com o poder público.

A gente se organiza pra buscar a ajuda do poder público, primeiro, pelas questões de segurança. A gente estava apavorado. Achando que não íamos dar conta, que o carnaval do ano seguinte seria pior, não conseguiríamos controlar a multidão. E a gente não tem poder de polícia, a gente tinha que pedir ajuda porque não estávamos aguentando. Não era nenhuma intenção de organizar e nem normatizar, era um pedido de socorro, um pedido de ajuda, sabe. E a questão do trânsito. A gente não sabia o que fazia com aquele trânsito que, de repente, ficava interrompido porque tinham 20 mil pessoas no nosso bloco. E o que você faz com 20 mil pessoas se você não tem alguém pra organizar o trânsito, pra apitar? Entendeu? Então vira um caos, com carro parado no meio do bloco, gente querendo andar,

gente querendo sair. Começamos a ver que sozinhos não daríamos conta pelo tamanho e proporção que aquilo tava ganhando.

Rita Fernandes, Presidente do Imprensa que eu gamo e da Sebastiana, entrevista para pesquisa<sup>6</sup>

- 14 Enquanto a relação com o poder público se dá a partir da organização da cidade para receber o carnaval dos blocos de rua, a relação destes blocos com o patrocínio privado está pautada no reconhecimento por parte dos blocos do seu potencial na divulgação das marcas dos patrocinadores. Assim Rita Fernandes defende que se o patrocínio respeitar a identidade e a performance do bloco ele só pode ser considerado benéfico para a realização o da festa carnavalesca.
- 15 Os limites para que o bloco não perca a sua identidade e tradição são fundamentais de serem estabelecidos para que sirvam de categoria distintiva para com outros blocos, principalmente os fundados no quarto momento, e também com patrocinadores e poder público. Os blocos fundados no terceiro momento, em especial os associados à Sebastiana, buscam se diferenciar dos blocos fundados no quarto momento através da valorização de uma tradição mais longa (embora também inventada), de um conhecimento mais profundo sobre carnaval e, conseqüentemente, de uma maior legitimação da sua autenticidade como bloco. No discurso de Rita Fernandes a diferença do *boom* do carnaval dos blocos nos anos 80 e nos anos 2000 pode ser estabelecida entre uma maior ou menor tradição, uma maior ou menor autenticidade. Na década de 80 o entendimento dos blocos como manifestação cultural e nos anos 2000 a criação dos blocos por influência da mídia e, principalmente, pelo efeito moda.

Aos poucos, o movimento dos blocos vai crescendo, de pouquinho em pouquinho, nada como que acontece na década de 2000. Na década de 2000, a gente tem um *boom*, mas aí é um *boom* diferente. É um *boom* motivado pela mídia, é um *boom* do modismo, da mídia, do excesso de exposição. Primeiro, vem um crescimento pouco a pouco, porque mais gente de fato vai entrando nesse movimento cultural como movimento cultural.

Rita Fernandes, Presidente da Sebastiana e do bloco Imprensa que eu gamo, entrevista para pesquisa<sup>7</sup>

- 16 Essa nova retomada do carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro no século XXI se caracteriza por uma mobilização de jovens de classe média, que ocupam de forma mais significativa o centro e a zona sul da cidade com a sua festa carnavalesca. Este fenômeno pode estar associado ao surgimento de blocos com perfis mais jovens, como Monobloco e Bangalafumenga, e com estilos musicais mais diversificados, como Sargento Pimenta e Orquestra Voadora (Herschmann, 2013). O carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro hoje possui como característica específica a criação de blocos associada às oficinas de percussão, que ao mesmo tempo que produzem músicos para tocar no carnaval, também criam um gosto por essa expressão musical. Desta forma, podemos pensar estes novos blocos de carnaval criados pós-anos 2000 como expressões dos *prosumidores* proposto por Canclini (2012), ou seja, brincar o carnaval do Rio hoje é ser, ao mesmo tempo, produtor e consumidor da festa. E são com essas características que os blocos são criados e que toda uma juventude ingressa no universo do carnaval de rua atual.

Do Quizomba, depois eu fui para o Monobloco. E aí eu tenho, por exemplo, o Desliga da Justiça, que é todo mundo da oficina do Quizomba. O Fogo e Paixão, que eu também participei no primeiro ano da criação, Bangalafumenga, Monobloco e Quizomba. São as principais oficinas. Empolga as 9 do Monobloco, Turbilhão do Monobloco, Mulheres de Chico do Monobloco. Têm “n” casos de blocos que

nasceram de oficinas. Já sei tocar e posso fazer meu bloco. Isso ajudou na multiplicação e na revitalização do carnaval. Nesse momento de agora é o momento mais da entrada dos blocos temáticos, que tocam outros ritmos, como rock, o Sargento Pimenta que é Beatles. Já tem os temáticos que eram o Exalta Rei e o Mulheres de Chico antes, mas agora tá mais forte. O Quizomba, o Monobloco, o Toca Raul. São blocos que começaram a pegar nichos, que talvez antes não participassem do carnaval. É minha opinião sobre o Sargento Pimenta, por exemplo. Tem muita gente que não gosta de carnaval, mas vai pro Sargento Pimenta porque toda Beatles. Eu acho que aí foi pegando mais pessoas. Por exemplo, eu gosto de música brega, então ali tem o Toca Raul e vou lá. Isso ampliou também o consumo pelo carnaval. Acho que foi um pouco o desdobramento disso também.

Cristina Couri, Presidente do Desliga da Justiça e participante do Coreto, em entrevista para a pesquisa<sup>8</sup>

- 17 Desde 2006, com a criação do bloco Mulheres de Chico, surgiram outros tantos blocos que homenageiam artistas ou grupos. Podemos citar Toca Raul, que toca músicas do Raul Seixas; Exalta Rei, com músicas de Roberto Carlos; Timoneiros da Viola, com músicas do sambista Paulinho da Viola; Mulheres de Zeca, inspirado no primeiro bloco temático só que homenageando o repertório de Zeca Pagodinho; Dinossauros Nacionais, com música do grupo Titãs; Bloco pra Iaiá, com repertório do grupo Los Hermanos; New Kids on the Bloco, em homenagem a *boy band* americana New Kids on the Block; entre outros. Outro modelo de bloco são os que hibridizam não somente gêneros musicais, mas elementos da indústria cultural. É o caso do bloco Desliga da Justiça, em homenagem aos heróis/vilões de desenhos animados e histórias em quadrinhos; Mário Bloco, que brinca com um ícone da indústria dos videogames Mario Bros.; e o Cinebloco, fanfarra especializada em releituras de trilhas sonoras do cinema.
- 18 Outra expressão dessa nova maneira de brincar o carnaval de rua no Rio de Janeiro são as neo-fanfarras, ou seja, novas versões das tradicionais fanfarras, formas de expressão musical de rua (Herschmann, Fernandes 2014). Uma das mais conhecidas neo-fanfarras carnavalescas no Rio de Janeiro é a Orquestra Voadora, que fundada em 2008, ensaia e desfila no Aterro do Flamengo, zona sul do Rio de Janeiro. Essas neo-fanfarras tomaram conta das ruas a partir de 2010 e têm na performance uma das suas maiores preocupações. A performance das neo-fanfarras associadas ao universo carnavalesco representam uma valorização também do visual através do uso de fantasias e de pernas de pau e uma grande valorização da interação com o público, geralmente com o uso de algum tipo de coreografia.

A orquestra na verdade surgiu justamente de uma sequência de carnavais. Aí eu comecei a tocar nos carnavais no Céu na terra, no Boitatá, no Boitolo. Aí todo carnaval comecei a encontrar esses músicos que tinham o mesmo espírito do que eu de chegar para contribuir sem serem músicos profissionais. Então a gente acabou formando um grupo de músicos que só se encontravam durante o carnaval! O carnaval de 2006 tocamos juntos, o carnaval de 2007 tocamos juntos. No final do carnaval de 2008, eu já tinha intimidade praticamente com essa galera que eu só via uma vez por ano e pelo fato de estar ali tocando com eles, ai a gente virou e falou assim: - *Poxa, porque a gente vai esperar mais um ano para se encontrar?! Vamos continuar essa brincadeira aí ao longo do ano, cara! Vamos combinar de ensaiar.* Também era aquele negócio, a gente tocava sem se conhecer, tocava muito na vontade, sem ensaiar. Era muito assim, um clima muito festivo mas se você for ter um apuro técnico, um apuro de ouvir, era uma coisa ainda meio amadora. (...) Aí a gente meio que trocou os e-mails, trocamos os contatos e por e-mail, começamos a marcar os ensaios lá em Santa Teresa na pracinha do Curvelo, uma coisa muito despretensiosa.

E paralelo a isso, por influência da internet, a gente começou a ver que lá fora nos EUA e na Europa as bandas de fanfarras, as *bass bands*, elas não ficavam restritas só

ao repertório tradicional de marchinhas, de dobrados, de músicas marciais. (...) Então aliado a isso a gente começou a ver que podia com essa formação de fanfarra podia tocar qualquer coisa que ficava legal. A gente começou a puxar uma música do Michael Jackson e ficou maneiro. Começou a fazer um Tim Maia e ficou legal. Então a gente começou a ver que da brincadeira tinha muito pano para manga. Então depois do carnaval de 2008 a gente ficou o ano de 2008 quase que todo, ensaiando todo o domingo! (...) Então a Orquestra Voadora surgiu assim! Surgiu de uma galera que tocava carnaval, tocava só marchinha e samba no carnaval de rua. De tanto se encontrar, resolvemos montar uma banda que tocasse outras coisas além de marchinhas. (...) É o seguinte, a Orquestra Voadora nasceu como uma banda e não como um bloco! Só que obviamente uma banda que nasceu do carnaval. Quando chegou o carnaval de 2009, um ano depois, a gente: - *Vamos fazer um cortejo de carnaval!* (...) E a cada ano cresce mais o nosso bloco. Então o que aconteceu, a Orquestra Voadora é uma banda que já nasceu com um bloco, mas é uma banda. É uma banda que ensaia para se apresentar como banda, os arranjos pensados como banda.

Tiago Rodrigues, músico da Orquestra Voadora, em entrevista para pesquisa<sup>9</sup>

- 19 Os blocos desse novo período já nascem com espírito empreendedor, associando o carnaval à festa, mas também às possibilidades de profissionalização. Esses blocos fundados por *prosumidores* possuem algumas características próprias como: institucionalização e organização dos blocos de carnaval através de escritórios e administração; criação de bloco show ou banda para realização de apresentações durante todo o ano e não somente no período carnavalesco; disseminação de oficinas de carnaval que ao mesmo tempo que ensinam a linguagem da música carnavalesca, também possuem um produto de venda; ampliação da noção de música de carnaval para além do samba e das marchinhas através da carnavalização de outros gêneros musicais, possibilitando uma ampliação do público dos blocos. Constrói-se com esses novos blocos de carnaval de rua uma nova configuração da festa.

## As Ligas e Associações

- 20 As ligas e associações são formas coletivas e colaborativas de reunião de blocos com o objetivo de ampliar seu poder de negociação, tanto para com o poder público como para com possíveis patrocinadores. Uma das principais funções das ligas é a busca por financiamento através de empresas privadas e a posterior redistribuição do dinheiro conseguido entre os blocos que fazem parte da associação. Assim funcionam as ligas como a Sebastiana, mais antiga e reconhecida, e a Liga do Zé Pereira.
- 21 A Sebastiana<sup>10</sup> foi fundada em 2000 por organizadores de alguns dos blocos tradicionais que haviam sido criados na retomada do carnaval na década de 1980. Ao verem a forma grandiosa que o carnaval dos blocos de rua estava tomando, associado a um aumento da violência na festa, esses organizadores decidiram se reunir em uma associação para poder ter uma voz mais ativa perante o poder público e a reivindicação da necessidade de organização que a festa requeria. Atualmente a Sebastiana é a liga mais consolidada e reconhecida no universo do carnaval dos blocos de rua do Rio de Janeiro, e, conseqüentemente, a com maior interlocução tanto com o poder público quanto com empresas privadas interessadas em investir no carnaval.

A Sebastiana é um movimento associativo. Isso tudo foi sendo desenvolvido, construído, o papel foi mudando. Primeiro foi uma interface com o poder público, a primeira coisa. Precisa de um agente pra conversar com o poder público e não pode ser bloco a bloco. É melhor que tenha um porta-voz, um agente, que fala em nome



de todo mundo. Na época e ainda agora a gente continua falando em nome de 12, mas são 12 blocos muito representativos porque são blocos dessa retomada. São blocos com 30 anos. Não são blocos que acabaram de acontecer nesse movimento emergente.

Rita Fernandes, Presidente da Sebastiana e do bloco Imprensa que eu gamo, entrevista para pesquisa<sup>11</sup>

- 22 A busca por patrocínio de empresas privadas é um dos pontos centrais da atuação da Sebastiana com relação aos blocos que a compõem, construindo a possibilidade de uma negociação mais efetiva com os patrocinadores que garanta o financiamento do bloco. Ao mesmo tempo que o patrocínio é fundamental para financiar a festa, ele pode tornar os blocos um negócio, considerado por muitos como um desenvolvimento da comercialização/mercantilização do carnaval. Rita Fernandes salienta que este processo pelo qual a carnaval carioca vem passando possui relação com o *boom* atual dos blocos, influência do efeito moda, que fez com que fossem criados novos blocos exclusivamente com intuito comercial.
- 23 A Sebastiana se coloca contra o processo denominado de “baianização” do carnaval do Rio de Janeiro, ou seja, a venda de camisetas ou abadás e o uso de cordas isolando quem as possui. O modelo do carnaval baiano é construído no discurso desses agentes como o outro que deve ser evitado, aquele carnaval que já sucumbiu à lógica do mercado sofrendo um processo de comercialização/mercantilização. Esta é a dicotomia central presente no discurso carnavalesco, o carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro pensado como manifestação cultural em oposição a uma comercialização/mercantilização apontada no carnaval baiano. A “baianização”, ou melhor a luta para que ela não aconteça, é uma ação central da entidade.

No momento em que você coloca um bloco na rua, ele é pra quem quiser entrar. Afinal, a rua é pública. Se você e os seus amigos querem festejar daquela forma, é uma festa pública. Naturalmente, você está obrigado a receber quem chega. Então você não pode colocar uma corda ou delimitar um território. Se você quer delimitar um território, você vai fazer uma festa fechada num lugar fechado.

Rita Fernandes, Presidente da Sebastiana e do bloco Imprensa que eu gamo, entrevista para pesquisa<sup>12</sup>

- 24 Para dar conta da “baianização” do carnaval carioca a Sebastiana entrou com um pedido junto ao IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para reconhecer o modo tradicional de brincar o carnaval dos blocos de rua no Rio de Janeiro como patrimônio imaterial do Brasil. Assim através do reconhecimento de uma tradição e de seu valor histórico e simbólico o carnaval dos blocos de rua se protegeria do desgaste possível gerado pelo efeito moda e, principalmente, de uma possível descaracterização das suas tradições. Com essa ação a Sebastiana oficializa o entendimento de que existem modos mais ou menos autênticos e tradicionais de brincar o carnaval dos blocos e, desta forma, blocos mais ou menos legítimos da tradição desta festa.

Nosso segundo movimento, foi esse de levar a ideia pro IPHAN pelo seguinte: quando começa este momento de comercialização do carnaval e de certa banalização do tema porque o tema está banalizado. Nós não estamos gostando disso. Está banalizado na mídia, na própria ação dos blocos. A gente começou a achar que precisávamos fazer um movimento ideológico pra que a gente preservasse o carnaval na sua essência e nas suas características originais. Daí surgiu a ideia do IPHAN. “Vamos pedir pra transformar em patrimônio, em patrimônio imaterial do Rio e depois do Brasil”. Como a gente já (es)tava juntando material pra memória, vimos que era o mesmo caminho.

Rita Fernandes, Presidente da Sebastiana e do bloco Imprensa que eu gamo, entrevista para pesquisa<sup>13</sup>

- 25 O caminho trilhado pela Desliga dos Blocos é distinto da opção escolhida pela Sebastiana, embora seus objetivos possam ser semelhantes, com relação a uma preservação do modo tradicional de brincar o carnaval. A Desliga foca suas ações em um embate mais direto com o Estado, principalmente através do questionamento com relação a exigência, por parte da prefeitura, de autorização para que os blocos possam desfilar. Com um discurso de valorização da tradição esse grupo defende a ocupação da cidade, e consequentemente do espaço público, de forma espontânea sem normas e legislações. A maioria dos blocos associados à Desliga dos Blocos sai no carnaval sem pedir autorização para a prefeitura e sem seguir o calendário e a organização do poder público. Eles defenderam em manifesto publicado no *blog* da organização em 2010 que:

O carnaval de rua é festa do povo. É feito pelo povo e para o povo. Manifestação de espontaneidade, criatividade genuína e espírito livre. Nos dias de folia devemos respeito à Sua Majestade, o Momo. Não ao personagem raquítico que ultimamente tenta nos ensinar a brincar, como se ele próprio soubesse, mas ao mitológico, roliço, guloso, amante dos prazeres da carne e da alma, àquele que nos mostra que, ao contrário do que muitos pensam, no carnaval é quando se tiram as máscaras. Assim, há uma troca de ordem. Sai de cena a ordem careta, elitista e monetarizada e, em seu lugar, entra a ordem de Momo e a ordem do Rei é sambar quatro dias sem parar. [...]

O decreto 32664 da Prefeitura aprofunda o ataque à liberdade criativa e à espontaneidade do carnaval do Rio e ao processo de "bahianização" da festa, ao obrigar os blocos a pedir autorizações com seis meses de antecedência e a cumprir inúmeras exigências, que arripiariam até mesmo uma empresa estabelecida, ainda mais os pequenos blocos. A essência está sendo sufocada pelo dinheiro.

Manifestamos aqui que não reconhecemos esse decreto que, além de tratar desiguais como iguais, fere a Constituição e a tradição e cultura do povo carioca.

Desliga dos Blocos do Rio de Janeiro – Manifesto Momesco<sup>14</sup>

- 26 Essa apropriação da cidade pela festa é defendida pela Desliga dos Blocos como um direito, o único durante o ano, em que o povo pode vivenciar a cidade de outra forma. Compartilhando, assim, com Lefebvre (1991) o argumento de que todos possuímos direito à cidade e a vida urbana. Para a Desliga a cidade, que durante o tempo do cotidiano se mostra excludente e segregadora, no tempo da festa, ou seja, durante o carnaval de rua, transforma-se em um espaço que tem novas formas de apropriação e de uso. É na defesa dessa espacialidade e temporalidade, próprias do carnaval de rua, que a Desliga dos Blocos constrói seu argumento contra a comercialização/mercantilização do carnaval carioca de blocos.
- 27 O manifesto de 2014 distribuído nos blocos da Desliga dos Blocos, novamente defende a ocupação da cidade e do espaço público pela festa e pelos foliões, associando essa atitude a uma visão crítica com relação à comercialização/mercantilização do carnaval.

O carnaval é o mais belo grito do povo! Ocupamos as ruas com estandartes, confetes e serpentinas mostrando que o Rio é nosso: suas colombinas e pierrôs estão vivos e pulsam. Abaixo as catracas que transformam a cidade em um grande negócio, onde o lucro prevalece sobre a vida, onde o dinheiro é mais livre que as pessoas. Enquanto capitalizarem a realidade, nós socializaremos o sonho. Viva a energia da rebeldia! Viva a criatividade das fantasias! Viva o Zé Pereira e o Saci Pererê! As cidades não estão à venda e nossos direitos não são mercadoria. Foliões, uni-vos! Ocupa eles, ocupa eu, ocupa tu, ocupa geral. OCUPA CARNAVAL!

Desliga do Blocos - Manifesto da Desliga entregue durante o carnaval de 2014

- 28 As ligas e associações ocupam um espaço importante no carnaval dos blocos de rua do Rio de Janeiro hoje, pois elas funcionam como mediadoras entre blocos e empresas privadas com potencial de financiar a festa. Realizam também a mediação com o poder público quanto a organização do carnaval e as disputas com relação aos significados possíveis para a festa. Estas mediações com o poder público podem acontecer nos diferentes níveis: federal, com a relação ao IPHAN; estadual, através da Secretaria de Cultura e de um edital de financiamento que inclui os blocos; e municipal, através da Riotur, local da gestão da festa na prefeitura do Rio de Janeiro.

## O Poder Público

- 29 Embora os blocos e as ligas e associações possam se relacionar com o poder público em diferentes níveis, é, sem dúvida, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro a principal instância organizadora da festa ao pensarmos no carnaval dos blocos de rua na cidade. A prefeitura é a responsável pela garantia da infraestrutura da festa e da manutenção de serviços básicos como controle do trânsito e limpeza urbana. Vários são os órgãos da prefeitura que ajudam na organização da festa, como a Secretaria de Ordem Pública, por exemplo, mas atualmente a gestão do carnaval, seja dos blocos ou das escolas de samba, está centralizada no órgão de turismo da prefeitura, a Riotur.
- 30 Foi a partir de 2009 que a Prefeitura do Rio de Janeiro passou a se envolver oficialmente nos desfiles dos blocos de rua do carnaval, passando a entender-se como agente fundamental na organização e gestão da festa. O carnaval de rua carioca é organizado através de licitação para estruturação da folia e da possibilidade de quatro patrocinadores oficiais, uma financiadora *master* e três financiadoras de apoio. Essa licitação é, desde a sua primeira edição em 2011, vencida pela mesma empresa, conhecida por produzir um megaevento ligado à música, e os patrocinadores são, geralmente, empresas de bebidas alcoólicas e/ou bancos, com previsão de investimento em torno de 20 milhões de reais.
- 31 Em 2013 foi instaurado também um processo de avaliação dos blocos com o objetivo de organizar os desfiles. As avaliações são realizadas pela Comissão Especial dos Blocos de Rua, criada através do Decreto 37182/13, que tem como objetivo avaliar, a partir de critérios como a tradição das agremiações, o local do desfile, a estimativa de público, as características do bloco em relação ao carnaval de rua carioca e ao bairro onde pretende desfilarem e os impactos causados no dia a dia da localidade<sup>15</sup>, autorizando ou não o seu desfile. Essa aprovação é vista por alguns blocos e ligas como benéfica, pois ajuda na organização e gestão da festa, impedindo assim, por exemplo, que dois blocos saiam no mesmo dia, no mesmo horário e com a intenção de fazerem o mesmo percurso. Esta mesma ação é vista por outros blocos e ligas, como a Desliga dos Blocos, como a burocratização da festa carnavalesca. Com este argumento associado ao direito a cidade, muitos blocos não pedem autorização da prefeitura e saem de forma não oficial.
- 32 Apesar dessa aproximação do poder público municipal com a festa, esta participação permanece se dando apenas no âmbito estrutural e institucional da organização, pois a preocupação da Prefeitura é garantir que o carnaval de rua aconteça na cidade do Rio de Janeiro. A prefeitura passou, a partir de 2009, a identificar as potencialidades do carnaval de rua e descobriu que existe carnaval para além das escolas de samba.
- 33 Mas o poder público, especificamente a prefeitura, também tem a preocupação da permanência da festa com suas características tradicionais. Essa almejada tradição dos

blocos de rua é valorizada e preservada através de duas ações de preservação no âmbito municipal. A primeira é o reconhecimento de alguns blocos como Patrimônio Cultural Carioca. São eles: a Banda de Ipanema, declarada patrimônio em 2004<sup>16</sup>; o bloco Cacique de Ramos, declarado patrimônio em 2005<sup>17</sup>; e o Cordão da Bola Preta, declarado patrimônio em 2007<sup>18</sup>. A segunda é o posicionamento contrário ao uso de cordas e à comercialização de abadás nos blocos de rua, visível a partir das ações do seguinte decreto:

Art. 1o. Fica proibida, na Cidade do Rio de Janeiro, a delimitação de espaços, por meio de cordas e/ou seguranças ("áreas privadas"), pagos ou não, nos desfiles de blocos ou bandas de rua e nos ensaios carnavalescos de rua, no período de que trata o art. 1o do Decreto no 30.453/2009.

Parágrafo único. Excepcionalmente, poderá ser delimitado espaço, por meio de cordas e/ou seguranças, para uso exclusivo dos integrantes da bateria e/ou da banda, bem como daqueles diretamente envolvidos na organização do desfile.

Art. 2o. Ficam automaticamente cassadas as autorizações já concedidas para os desfiles de blocos, bandas e ensaios carnavalescos que não respeitem o disposto neste Decreto.

§ 2o A RIOTUR, com o apoio da Guarda Municipal, adotará as medidas necessárias para coibir desfiles que contrariem o disposto neste Decreto.

Art. 3o. O não cumprimento do disposto no art. 1o implicará no indeferimento do pedido de autorização para desfile nos períodos carnavalesco e pré-carnavalesco do ano subsequente, nos termos do art. 14 do Decreto no 30.453/2009.<sup>19</sup>

- 34 Desta forma a prefeitura se posiciona contra a "baianização" do carnaval carioca e, através de decreto do então prefeito Eduardo Paes, estabelece os limites do que pode ou não acontecer no carnaval de rua da cidade. O desrespeito dessas determinações é punido pelo não reconhecimento oficial do bloco através da autorização para o desfile no ano subsequente. Assim, por meio de ações legalizantes, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro adentra o debate sobre os limites da prática carnavalesca tradicional e autêntica nos blocos de rua, legitimando e oficializando a distinção entre eles.
- 35 Apresentando as novas configurações do carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro através do olhar e posicionamento político dos blocos, das ligas e associações, e do próprio poder público, tem como base noções como tradição, autenticidade e espontaneidade. Percebemos que estas características não são as mesmas para os diferentes agentes, mas constroem algumas fronteiras próximas como, por exemplo, a relação com o carnaval de Salvador a partir de uma visão negativa sobre o mesmo. Vemos, portanto, que seja pela regulamentação, pela profissionalização, ou pelo enfrentamento o carnaval dos blocos de rua vem sofrendo alterações e apresentando novas estruturas.

---

## BIBLIOGRAFIA

CANCLINI, Néstor Garcia et al. (orgs.). 2012. *Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales*. Madrid: Fundación Telefónica.

FRYDBERG, Marina Bay, EIRAS, Rebeca Eler de Carvalho. 2015. "Contribuições para pensar a economia da festa através dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro". In: F. L. Castro, M. F. P.

Telles (orgs.). *Dimensões econômicas da cultura: Experiência no campo da economia criativa no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, pp. 195 - 224.

HERSCHMANN, Micael, FERNANDES, Cíntia Sanmartín. 2014. "Nomadismo e inovação das fanfarras na cidade do Rio". In: *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Itercom.

HERSCHMANN, Micael. 2013. "Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21". *Intercom - RBCC*. São Paulo, v. 36, nº. 2, jul./dez.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. 1984. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LEFEBVRE, Henry. 1991. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes.

### Entrevistas

Cristina Couri, Presidente do Desliga da Justiça e participante do Coreto, em entrevista para a pesquisa em 07 de outubro de 2014.

Pedro Ernesto, Presidente do Cordão da Bola Preta, entrevista para pesquisa em 23 de setembro de 2014.

Rita Fernandes, Presidente do Imprensa que eu gamo e da Sebastiana, entrevista para pesquisa em 22 de junho de 2014.

Tiago Rodrigues, músico da Orquestra Voadora, em entrevista para pesquisa em 14 de outubro de 2014.

### Decretos e Leis

DECRETO nº 36760 de 05/02/2013.

DECRETO nº 23926 de 23/01/2004 - D.O.M.: 26/01/2004.

DECRETO nº 27594 de 14/02/2007 - D.O.M.: 15/02/2007.

LEI nº 4068 de 24/05/2005 - D.O.M.: 06/06/2005.

## NOTAS

1. Uma parte desta discussão foi apresentada no grupo de trabalho Actores sociales, políticas culturales y performances en ciudades contemporáneas, na XI Reunión de Antropología del Mercosur. Agradeço a contribuição de todos sobre o trabalho.
2. Fundado em 1867 como sociedade carnavalesca, atua hoje em dia como clube recreativo. Mais informações sobre o clube em <http://www.clubedosedemocraticos.com.br/>.
3. Entrevista realizada em 23 de setembro de 2014.
4. Entrevista realizada em 23 de setembro de 2014.
5. Entrevista realizada em 22 de junho de 2014.
6. Entrevista realizada em 22 de junho de 2014.
7. Entrevista realizada em 22 de junho de 2014
8. Entrevista realizada em 07 de outubro de 2014.
9. Entrevista realizada em 14 de outubro de 2014.
10. A Sebastiana reúne os blocos: Bloco da Ansiedade, Bloco dos Barbas, Bloco das Carmelitas, Bloco de Segunda, Bloco Virtual, Escravos da Mauá, Gigantes da Lira, Imprensa que eu Gamo, Meu bem, volto já!, Que merda é essa, Simpatia é quase amor e Suvaco do Cristo.
11. Entrevista realizada em 22 de junho de 2014.
12. Entrevista realizada em 22 de junho de 2014.
13. Entrevista realizada em 22 de junho de 2014.

14. Disponível em <http://desligadosblocos.blogspot.com.br/2010/09/manifesto-momesco.html>.
  15. Informações disponíveis em <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4321955>.
  16. DECRETO n° 23926 de 23/01/2004 – D.O.M.: 26/01/2004.
  17. LEI n° 4068 de 24/05/2005 – D.O.M.: 06/06/2005.
  18. DECRETO n° 27594 de 14/02/2007 – D.O.M.: 15/02/2007.
  19. DECRETO n° 36760 de 05/02/2013.
- 

## AUTOR

### **MARINA BAY FRYDBERG**

Professora do Departamento de Arte e do Programa em Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense.

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[marinafrydberg@gmail.com](mailto:marinafrydberg@gmail.com)